

XVIII Domingo do Tempo Comum - ano C

– 4 de agosto de 2019 –

1 – A ganância prende-nos às coisas e afasta-nos das pessoas, da vida. A ganância e a avareza.

Por um lado, aspirar a algo mais e melhor é defensável, saudável e justo. E sobretudo quando conseguimos pensar em nós e nos outros. Já dizia o filósofo, que o homem ultrapassa infinitamente o homem (Blaise Pascal), na ambição de ser mais, de melhorar sempre, de alcançar novos objetivos.

Vale a pena recordar a ganância do Padeiro, sistema económico de Adam Smith, parafraseado por D. Tolentino Mendonça: *"Devemos o nosso pão fresco não ao altruísmo do padeiro, mas à sua ganância. É graças à ambição do ganho, que os bens de que precisamos chegam às prateleiras dos supermercados... Esse dado é, de resto, comumente aceite. O facto que hoje se coloca, sempre com maior urgência, é, porém, de outra natureza. Claro que não perde validade a justa expectativa de que a atividade laboral produza o seu lucro, mas o que se coloca às nossas sociedades é a questão da sua capacidade para resolver, ainda que de modo não completamente perfeito, os desequilíbrios que elas próprias geram e que ameaçam a sua preservação... A difícil situação atual mostra-nos, sem margem para hesitações, como se tornou urgente e vital introduzir alternativas de fundo num campo que é económico e financeiros, mas também é humano e civilizacional..."*

Por outro lado, como sói dizer-se, tudo o que é em excesso acaba por descambar, tornando-se destrutivo. É ditado bem antigo: a virtude está no meio; nem oito nem oitenta; nem tanto à terra nem tanto ao mar; com conta, peso e medida. O justo equilíbrio, qual fiel da balança, não será fácil de alcançar. Há uma fórmula: o amor! A compaixão. O colocar o outro antes! Se todos procedermos do mesmo modo, o modo de Jesus, então todos seremos beneficiários e beneméritos uns dos outros.

2 – A conversão nunca é de fora para dentro. É sempre interior, espiritual, pessoal. É conhecida a história de um pai com muito trabalho para fazer e que tinha de cuidar do filho, sempre muito ativo. Entrega-lhe um conjunto de peças para completar o mundo (puzzle). Julgou o pai que, durante um bom pedaço, o filho estaria entretido. Instantes depois, o filho aparece com o mapa do mundo completo. O pai, boquiaberto com tanta rapidez, pergunta-lhe como é que fez para ser tão rápido. Bom, respondeu o filho, por detrás estava a figura de um homem, construí o homem e o mundo ficou construído também. A lição é que não se pode mudar o mundo sem mudar pessoas. Do mesmo modo, a conversão, a mudança de vida, passa pela vontade, pela decisão firme, interior, em caminhar em determinada direção. Claro que o ambiente também pode ser facilitador. Na lógica de Ortega Y Gasset, o homem é ele e as suas circunstâncias.

Jesus, no seu ministério missionário, desafia cada um de nós a gastarmo-nos a favor dos outros, a darmos-lhe de comer, a curá-los, a renunciar a si, para que os outros sejam salvos, a servir, tal como Ele que veio para servir e dar a vida por todos. A interpelação de Jesus é, antes de mais, melhor, sempre, para mim. Para ti. Para nós. Nunca para o outro! Não se pode impor a salvação, não se pode impingir o projeto do reino de Deus preconizado por Jesus.

Alguém do meio da multidão, ouvimos hoje no Evangelho, diz a Jesus: *«Mestre, diz a meu irmão que reparta a herança comigo»*. A resposta de Jesus não se faz esperar e é elucidativa: *«Amigo, quem Me fez juiz ou árbitro das vossas partilhas?»*.

Deus não se intromete na nossa responsabilidade humana. Não somos marionetas. Sabemos o caminho? A primeira opção, é avançar, seguir! Sabendo que o caminho nos conduz a Deus e nos salva, então, sim, poderemos chamar os outros, desafiá-los, deixar que a nossa vida transpareça a salvação que nos é dada por Jesus Cristo. Não pedimos a Deus para que faça o que nos compete fazer.

3 – Caso pensássemos que Jesus estava apenas a falar para aquele homem que o interpelou, Ele volta-Se para nós: *«Vede bem, guardai-vos de toda a avareza: a vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens»*.

Como em outras ocasiões, Jesus faz-nos olhar para a nossa vida através de uma parábola: *«O campo dum homem rico tinha produzido excelente colheita. Ele pensou consigo: 'Que hei de fazer, pois não tenho onde guardar a minha colheita? Vou fazer assim: Deitarei abaixo os meus celeiros para construir outros maiores, onde guardarei todo o meu trigo e os meus bens. Então poderei dizer a mim mesmo: Minha alma, tens muitos bens em depósito para longos anos. Descansa, come, bebe, regala-te'. Mas Deus respondeu-*

Ihe: 'Insensato! Esta noite terás de entregar a tua alma. O que preparaste, para quem será?'. Assim acontece a quem acumula para si, em vez de se tornar rico aos olhos de Deus».

Simples, claro, inequívoco! A avareza faz-nos perder o melhor da vida, a alegria da partilha, do trabalho honesto, da comunhão com os outros nos dias de chuva e nos dias de sol. Claro que Deus dá-nos o pão nosso de cada dia, contando com o nosso trabalho e na certeza que o pão que pedimos e trabalhamos também nos compromete com a partilha e com a comunhão com quem não pode trabalhar. Há maior satisfação por ver os outros a saborearem o que fizemos com esforço e com carinho?

4 – Coelet, o sábio de Israel, é verdadeiramente intrigante! Provocador! Não abre o jogo! Deixa as questões no ar. É preciso lê-lo no conjunto dos seus escritos, mas também inserido na sabedoria bíblica.

O trecho que hoje nos é proposto é ilustrativo: «*Vaidade das vaidades – diz Coelet – vaidade das vaidades: tudo é vaidade. Quem trabalhou com sabedoria, ciência e êxito, tem de deixar tudo a outro que nada fez. Também isto é vaidade e grande desgraça. Mas então, que aproveita ao homem todo o seu trabalho e a ânsia com que se afadigou debaixo do sol? Na verdade, todos os seus dias são cheios de dores e os seus trabalhos cheios de cuidados e preocupações; e nem de noite o seu coração descansa. Também isto é vaidade».*

Parece que nada vale, nada conta, nada aproveita ao homem, nada tem sentido! O desencanto, a desilusão e o cansaço! Se avançarmos para o Evangelho, a interrogação é idêntica: «*Insensato! Esta noite terás de entregar a tua alma. O que preparaste, para quem será?*».

Creio que à constatação seguir-se-á a interrogação e a procura de respostas, e estas terão a ver com a vida, com a forma como lidamos com as coisas e, sobretudo, como tratamos das pessoas que Deus nos confiou para cuidarmos.

Já no final, Coelet conclui: «*Então o pó voltará à terra de onde saiu, e o espírito voltará para Deus que o concedeu*». O autor sagrado dá-nos conta das numerosas sentenças de Coelet, tirando a seguinte conclusão: «*O resumo do discurso, de tudo o que se ouviu, é este: teme a Deus e guarda os seus preceitos, porque este é o dever de todo o homem. Deus pedirá contas, no dia do juízo, de tudo o que está oculto, quer seja bom, quer seja mau*» (Ecl 12, 7.13-14).

5 – Como síntese, deixemo-nos trespassar pela luz de Jesus. «*Se ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas do alto e não às da terra. Porque vós morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a vossa vida, Se manifestar, também vós vos manifestareis com Ele na glória*».

Belíssima a forma como o Apóstolo Paulo nos apresenta a morte e a ressurreição de Cristo, que nos envolve e nos assume. Com Ele morremos, com Ele ressuscitamos. Ele está à direita do Pai, e com Ele também nós estamos. Até lá chegarmos vamos assumindo as Suas feições, para que quando chegarmos Ele nos reconheça como irmãos.

E prossegue o desafio: «*Portanto, fazei morrer o que em vós é terreno: imoralidade, impureza, paixões, maus desejos e avareza, que é uma idolatria. Não mintais uns aos outros, vós que vos despojastes do homem velho com as suas ações e vos revestistes do homem novo, que, para alcançar a verdadeira ciência, se vai renovando à imagem do seu Criador. Aí não há grego ou judeu, circunciso ou incircunciso, bárbaro ou cita, escravo ou livre; o que há é Cristo, que é tudo e está em todos*».

Se o final que nos aguarda é a vida plena e em Deus, na eternidade, de pouco nos adianta andarmos atarefados a destruir-nos, a conflituarmos, a adulterarmos o rosto que nos irmana e nos identifica como filhos bem-amados de Deus!

Pe. Manuel Gonçalves

Textos para a Eucaristia (C): Co (Ecle) 1, 2; 2, 21-23; Sl 89 (90); Col 3, 1-5. 9-11; Lc 12, 13-21.